

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Os códigos que seguimos sem perceber

Bruna Félix
bruna_felix@atlantico.com.br

Muita coisa que guia nossas decisões não está escrita em lugar nenhum. Não é regra, nem lei, nem aviso na parede. Mesmo assim, todo mundo aprende. Aprende como deve se comportar, quem costuma ser ouvido, quem pode errar, quem merece confiança e quem precisa provar tudo o tempo inteiro. Esses são os códigos invisíveis.

Eles aparecem no dia a dia, nas pequenas situações. Quando uma pessoa fala e é levada a sério logo de cara. Quando outra diz a mesma coisa e é questionada. Quando um erro vira aprendizado para uns e vira rótulo para outros. Quando a mesma atitude é vista como liderança em alguém e como arrogância em outra pessoa.

Nada disso acontece por acaso. É um código funcionando.

Esses códigos não nascem do nada. Eles vêm da forma como fomos educados, das histórias que ouvimos, do que vemos na televisão, do jeito como as empresas funcionam e do que a sociedade

repete como “normal”. A gente aprende cedo, quase nunca para e questiona.

O problema não é existir código. Todo sistema precisa de algum tipo de regra para funcionar. O problema começa quando esses códigos ficam tão invisíveis que ninguém percebe que eles podem ser mudados. Ai eles passam a se repetir automaticamente, sempre favorecendo os mesmos perfis, as mesmas vozes, os mesmos caminhos.

Quando isso acontece, o sistema até parece organizado. Mas cobra um preço alto: menos diversidade de ideias, menos gente participando das decisões, mais talentos sendo ignorados e menos inovação de verdade.

Questionar esses códigos não é acusar pessoas ou criar conflito. É ampliar a consciência. É perceber que muitas decisões que parecem “naturais” são, na verdade, escolhas feitas há muito tempo e que, talvez, não façam mais sentido hoje.

Quando tornamos esses códigos visíveis, ganhamos algo valioso: escolha. Podemos decidir melhor, ouvir mais gente, errar com o aprendizado e construirmos caminhos mais justos e inteligentes.

Por amor

Amauri Holanda de Souza
amauri.holanda.souza@gmail.com

O amor verdadeiro parece revelar-se assertivamente menos no discurso e mais no gesto. De pouco adianta nomea-lo sem antes perceber onde, no coração do outro, cabe o quanto de nós.

Talvez seja no abraço que escuta, no sorriso que acolhe e nos instantes a dois como sabor, ainda que em preparação, que o amor se permita existir e doar-se, como exercício feliz da grandeza de si no outro.

O amor não se conjuga sem entrelaço comprometido. Parece pedir presença que não se satisfaça com a pequenez: sabor partilhado, saber dividido, corpo que aquece a alma e alma que, pouco a pouco, se deixa desenhair no corpo inteiro.

Sem isso, corre o risco de sustentar-se por poucas estações, como chama privada de oxigênio, esmaecendo até perder o sentido que a mantinha acesa.

Nenhum amor parece pleno sem o calor do outro, o aconchego cotidiano e a confiança que nasce do desejo

renovado, esse movimento que se une sem a necessidade de medir o tempo.

Amar não como excesso, talvez como um exagero consentido, pois o amor parece coroar a vontade quando esta se transforma em escolha concreta, sem o temor de “estar por dentro”.

Quem sabe nunca deve faltar a espiritualidade no amor, esse movimento extraordinário que o refaz continuamente. Nela, o sentimento encontra fôlego para aprofundar-se, mesmo quando os dias se tornam densos e cruéis.

Quando a entrega se ausenta, o que por vezes permanece é apenas um gesto sem vida: uma aparência que encobre silêncios doloridos, distante da nobreza do amor que poderia ter sido vivido.

Amar, como se deve, exige a presença que fortalece, como quem cuida do que é frágil, intuindo que é justamente no cuidado que algo se torna resistente e também especial.

É nesses detalhes que certos amores, certamente, se diferenciam dos demais e durem... talvez eternamente, como um encontro que nunca cessa de acontecer, discretamente ou não, dentro de nós.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

De Fernanda à Wagner!

Anahí Gabriella
Ex-Correspondente **O POVO**

Desde que “o mundo é mundo”, fomos reiteradamente ensinados a amar o nosso país como sendo o “país do futebol” e, de certa maneira, de forma deliberada ou não, passamos a limitar as nossas “múltiplas riquezas” como se o nosso cative cultural não fosse amplo.

O Brasil é um país rico em inúmeras questões e nenhum outro país sabe como comemorar como o nosso. Se a palavra “vibrar” tivesse uma bandeira, ela teria a nossa e se fosse cores, seriam verde, azul, branco e amarelo. E como têm sido urgente vitórias para o nosso povo!

2025 foi um ano de copa sem copa, foi um ano onde o campo foram as telas, os jogadores foram os atores e os técnicos foram os que ficaram atrás das telas. Foi o ano em que o Brasil conquistou o seu primeiro Oscar com *Ainda Estou Aqui*, foi o ano em que passamos a ser vistos por nós mesmos como o país do cinema, pelo menos oficialmente, e essa vitória ter sido conquistada por nossa própria história ter sido contada tornou tudo ainda mais efervescente e emocionante.

O Agente Secreto é a nova grande aposta para 2026, é a nossa grande chance de novas vitórias através de suas quatro indicações ao Oscar. O sentimento geral é de orgulho, sobretudo, por mais uma vez nossa história estar sendo contada, ainda que em um relato ficcional. Afinal, um país que não conhece a própria história está fadado a repeti-la.

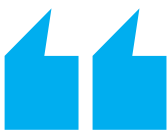
A verdade é que até 2025 não podíamos ousar sonhar com a premiação, mas isso, enfim, ficou para trás, então, que sejamos ousados em sonhar porque conquistamos esse lugar.

De Fernanda Torres à Wagner Moura, de Wagner aos próximos!

O nosso lugar é no topo e em destaque!

Que a nossa pluralidade seja muito mais do que vista, mas admirada e aplaudida de pé.

Adiante e em frente!



Que a nossa pluralidade seja muito mais do que vista, mas admirada e aplaudida de pé.

CARLUS CAMPOS



E quem é mesmo o escritor?

Lorena Góis
Membro da Academia de Letras e Artes de Ubajara-CE

A quem se dá o título de escritor?
De forma prática, assim, sem muito pensar
Quem usa a letra e cria fantasia?
Quem muito sabe o jeito certo de falar?
Talvez escrever seja atitude
Pegar o papel e anotar
Sobre o que pensa, sente, discute
Mesmo que fugindo à regra
O importante é falar
Escrever, claro, é honrar a Língua
Segundo as leis que a embelezam
Expressar com rigor, na norma padrão
Usando adequado a vírgula, o ponto e o travessão
Acho muito bonito quem

escreve direito
E pela Língua Portuguesa tenho muito respeito
entendo que dominá-la é, sem dúvidas, um grande feito!
Pena que nem todo mundo pôde ter esse proveito
Então, insisto em perguntar
Quem tem título de escritor?
Se seu João lá do mercado Nem a escola frequentou
E rima como ninguém
E em memória ele tem
Todo verso que rimou
Escrever deve ser
Um jeito de registrar
Tudo o que se cria e inventa
Pra nunca deixar de lembrar
Pra mostrar para os amigos
Ou até pro professor
Pra alguém a quem se ama
Versos feitos por amor
Com o pouco que conheço
Escrevo, risco, teço
O que me resta é escrever
Porque não cabe nesse corpo
O que minh'alma quer dizer.

O que é, afinal, ser mulher?

Benízia Menezes
Radialista e poetisa

Dizer que a mulher é o “sexo frágil” é ignorar a história, a biologia e a realidade cotidiana. O conceito de fragilidade se dissolve diante da magnitude do que significa, de fato, ser mulher no mundo contemporâneo. É ter tido a timidez que antes reprimia os desejos, escondida atrás do véu espesso do preconceito, e ter transformado esse silêncio em um grito de liberdade. Hoje, ser mulher é saber se pronunciar com altivez e firmeza na luta incessante pelos seus direitos, pela justiça e pela conquista legítima do seu espaço.

É possuir a sabedoria de ser charmosa sem ser vulgar; é ter o magnetismo de atrair sem se destruir no processo; é ter a nobreza de pedir o que é justo sem precisar implorar. Não importa a idade: desde o momento do nascimento, existe uma missão latente a ser cumprida. Algumas trajetórias são mais suaves, outras exigem fôlegos sobre-humanos, mas todas são unidas pelo mesmo fio condutor: a luta incansável pela concretização dos sonhos.

Há uma força sagrada e única naquelas que não se importam se o corpo muda ou se a barriga cresce em certa fase da vida. Para ela, esse é o ápice da perfeição, pois compreende que recebeu a permissão divina para dar luz a uma nova existência. É uma fortaleza diante da dor física e emocional, mas mantém a nobreza de permitir que o coração derreta no momento da saudade, do amor que não deu certo, da carência ou da desilusão. No entanto, ela não estagna no sofrimento: ergue a cabeça, respira fundo e acredita piamente que sempre existirá um amanhã. Com ele, surgem novas oportunidades, novas conquistas e um crescimento interior que se expande para além de si mesma.

Seja a mulher que trabalha horas a fio pelo bem-estar da família, ou aquela que enxuga o suor do rosto cansado da rotina massacrante do dia a dia; seja a jovem com o mundo a aprender, ou a idosa com um universo a ensinar. Não importa a classe social, a raça ou a religião: é a mulher que possui o sexto sentido aguçado, a intuição que não falha e a dignidade que a faz ir à luta.